

O QUE O APAGADOR NÃO LEVOU: O INTERCAMBIAR EXPERIÊNCIAS – UMA LEITURA DA NARRATIVA CONTO DE ESCOLA DE MACHADO DE ASSIS.

ALESSANDRA MARIA MOREIRA GIMENES (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA UNESP - RIO CLARO).

Resumo

Este trabalho é parte integrante de pesquisa para dissertação de mestrado em desenvolvimento no Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista no Campus de Rio Claro. Relacionando História, Literatura e Educação, propõe uma leitura da obra *Conto de escola* de Machado de Assis, considerado o pai da prosa e da literatura brasileira, com o objetivo geral de estabelecer um diálogo entre o conto e as práticas escolares do Brasil atual. Embasado nas teorias propostas pela escola dos Anales, a leitura propõe desvelar na trama dos fios literários da narrativa, as inquietações de uma época e as aspirações de uma sociedade – a brasileira do século XIX – entretecidas pelo discurso do saber. Ambientado em 1840, publicado na coletânea *Várias Histórias* em 1896, *Conto de escola* narra o cotidiano de uma sala de aula de primeiras letras do século XIX brasileiro, de onde Pilar, narrador / personagem, vive o dilema de decidir-se pelas paredes fechadas da enfadonha escola ou pela liberdade dos morros e pelos divertimentos próprios da sua idade. Participam desta análise um grupo de professoras atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental com as quais *Conto de escola* foi lido. Portadoras da experiência de sua prática fazem a ponte entre o conto e as práticas escolares atuais, elencando as práticas extintas de nossas escolas e aquelas que o “apagador” não foi capaz levar. Passamos a “intercambiar experiências pela narrativa”. Desta forma o método da leitura norteia a pesquisa. Para essa prática recorreremos a Jorge Larrosa. Para o conceito de experiência buscamos amparo no autor Walter Benjamin.

Palavras-chave:

Leitura, Conto de escola, práticas escolares. .

Na leitura *de Conto de Escola* do grande Machado de Assis, vislumbrei uma sala de aula de Educação primária do oitocentos brasileiro, desconcertando-me, pois na leitura do conto do século XIX, fazendo-se ressalvas, vi uma escola do agora. Esta contestação inquietou-me. Surgiu a pergunta que me levaria à minha pesquisa para Dissertação de mestrado - **a instituição escola permanece ligada aos moldes de um passado?**

Em busca de resposta a esta indagação nascida da leitura de *Conto de escola*, novas leituras surgiram no início de caminhada. Dentre estas, dois textos do autor Walter Benjamin - *Experiência e pobreza* e *O narrador*, tiveram influência significativa. Na análise do texto juntaram-se a mim outros professores. A metodologia proposta para a pesquisa era a da leitura do conto pela pesquisadora e pelos professores de uma escola estadual do município de Limeira, em horário de HTPC, com o objetivo de desvelar na trama dos fios literários da narrativa, as inquietações de uma época e as aspirações de uma sociedade - a brasileira do século XIX - entretecidas pelo discurso do saber.

O conto, ambientado em 1840, e publicado na coletânea **Várias Histórias**, em 1896, narra o cotidiano de uma sala de aula de primeiras letras do século XIX brasileiro, onde Pilar, narrador/personagem, vive o dilema de decidir-se pelas paredes fechadas da enfadonha escola ou pela liberdade dos morros e pelos

divertimentos próprios da sua idade. Falando de escola, pois este é o título do conto, Machado, hábil dissimulador, enfoca as relações humanas que nos ensinam mais do que os conteúdos transmitidos pelo mestre Policarpo.

É o próprio autor que, ao final do conto fala sobre a corrupção e a delação, aprendidas ambas na sala de aula:

E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor... (MACHADO, 2004, p.104)

Não é dos contos mais conhecidos do escritor, nem dos mais divulgados. As dez professoras escolhidas como sujeitos da pesquisa eram todas licenciadas em Pedagogia, com diferentes tempos de dedicação ao magistério e nenhuma delas conhecia o conto. Muitos dos mestrandos do programa de pós também não o conheciam.

Mas entre as comemorações pelo *centenário de morte do escritor Machado de Assis*, vamos encontrar algumas referentes a Conto de Escola. Na Lei Nº1. 522, assinada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo então ministro da Cultura, Gilberto Gil, ficou instituído o ano de 2008 como *Ano Nacional Machado de Assis* e uma série de eventos culturais analisaram e homenagearam a grandiosidade da obra machadiana. *Conto de escola* destacou-se entre as obras reeditadas de Machado de Assis. Dentre algumas publicações merecem destaque *Conto de escola* da Editora Cosac Naify (2002), que publicou a versão francesa de *Conto de escola* (coleção Dedinho de Prosa). *Conto de escola ou Le Conte de l'école*:

Foi selecionada para configurar na lista de referência do Ministère de l'Éducation Nationale [Ministério da Educação Nacional] da França. A obra, vertida como *Le Conte de l'école*, é indicada para o ciclo 3 - que na França corresponde aos alunos de oito a dez anos, - na categoria "romances e textos ilustrados". (SUPLÍCIO, 2008, p.1)

O livro merece destaque ainda pelas ilustrações feitas por Nelson Cruz, ilustrador e artista plástico. *Conto de escola*, publicado pela Editora Cosac Naify foi exposto em Bolonha (Itália) pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil. Em 2008, o livro foi exposto na Mostra Internazionale d'Illustratore per L'Infanzia, Sarmede, Província de Treviso, Itália, e inscrito na Bienal de Ilustração de Bratislava, Eslováquia. Por fim, *Conto de escola* foi incluído no catálogo "*The White Ravens*", da *Internationale JugendBibliothek* (Munique, Alemanha).

O conto também não recebeu muitos olhares dos estudiosos machadianos, Destacamos um artigo de John Gledson intitulado *Conto de escola: uma lição de História*, no qual o autor considera como enredo de *Conto de escola* a iniciação da criança no mundo adulto. E, ao fazê-lo, nos revela dados históricos do passado brasileiro. A personagem protagonista, o menino Pilar, seria uma analogia com o imperador-menino, D. Pedro II, cuja infância foi surrupiada por suas obrigações de futuro monarca. Desta forma, os dados informados por Machado de Assis ajustam-

se ao período da antecipação da maioridade de D.Pedro, ou seja, à Regência brasileira, datada de 1840. Diz Gledson:

É uma história, então, sobre a iniciação de uma criança no sórdido mundo adulto, em que serviços "ilegais" podem ser comprados - como Raimundo compra o conhecimento do narrador Pilar, para ser aprovado em uma matéria que ele não tinha conseguido aprender - e em que Curvelo os delata ao mestre-escola Policarpo, que é também pai de Raimundo. (GLEDSON, 2006, p.91)

Outros autores, como Milene Kloss, Pedro Brum e Rosani Umbuch (2002), apontam como tema central do conto a corrupção e a delação. Comportamentos condenados, porém presentes no convívio humano, sobretudo em uma sociedade capitalista que valoriza extremamente o dinheiro, representado no conto por aquela bonita moeda pela qual Pilar ficou seduzido.

A corrupção, presente nesse conto de Machado, é representada pelo ato de Raimundo em pagar seu amigo, Pilar, para que este lhe ensinasse, às escondidas, o conteúdo desejado, na implícita condição de que ambos assumissem, frente ao mestre e aos colegas, a melhora das notas do primeiro como sendo único e exclusivo mérito seu. O ciclo da corrupção se completa com o aceite da proposta por Pilar. (KLOSS, 2002, p. 2-3)

Para outros autores, como Sílvia Craveiro Gusmão Garcia e Antonio Manoel dos Santos Silva (1999), a maior preocupação de Machado de Assis em *Conto de escola* é a formação do caráter, a normatização da criança para a sociedade.

No Conto de Escola o assunto reduz-se a um episódio ocorrido em sala de aula, sendo que a própria progressão da narrativa incide mais sobre a psicologia das personagens que sobre a ação, pois o conto evolui no sentido de representar os tortuosos caminhos da formação moral. (GARCIA; SILVA, 1999, p.47)

Embora o conto verse sobre a escola, não encontrei nas pesquisas feitas por mim no tocante à documentação e à bibliografia concernente ao tema, nenhuma dissertação ou tese na área da Educação que abordasse o conto sob esse enfoque.

Fez-se necessário a busca de um referencial teórico que me amparasse nestes intentos. Para a análise de uma obra literária enquanto documento, busquei amparo nos estudos da escola dos Annales e a Moderna Historiografia proposta por Marc Bloch em **Apologia da História e o Ofício do Historiador** (BLOCH, 2001). De acordo com os Annales, o historiador poderia utilizar em suas pesquisas, além de documentos oficiais, outras fontes, tais como: pinturas, objetos de arte, poemas, textos de ficção. Esta tendência alargou-se para outros campos do conhecimento, como a Educação. Entre os seguidores dos primeiros Annales (dos anos de 1930), priorizamos Roger Chartier (1998), por suas contribuições - análises de textos e leituras - que visam a "compreender o mundo como representação."

Tendo como objetivo geral estabelecer um diálogo entre o *Conto de escola* e as práticas escolares do Brasil atual, orientei-me pela filosofia de Walter Benjamin. Em suas teses *Experiência e pobreza* (1996) e *O narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1996), nas quais o autor discorre sobre o conceito de História e, sobretudo, sobre o de Narração, busquei fundamentação teórica para a importância da retomada de Conto de escola no século XXI.

Com a literatura machadiana, considerada aqui uma narrativa nos moldes benjaminianos, pois relata uma experiência, um ensinamento, uni a narrativa escrita do conto à narrativa oral - a experiência de um grupo de professoras de Ensino Fundamental que leram o conto e narraram a sua experiência de leitura, de Educação.

Para os conceitos de artesanato da leitura e comunidade de leitores, presentes na pesquisa em seus objetivos específicos, amparei-me nas palavras de Jean Marie Gagnebin, professora titular de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e livre-docente de teoria literária na Universidade de Campinas.

A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo destruiu. A distância entre os grupos humanos, particularmente entre gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. Enquanto no passado o ancião que se aproxima da morte era o depositário privilegiado de uma experiência que transmitia aos mais jovens, hoje ele não passa de um velho cujo discurso é inútil. (GAGNEBIN, 1996, p.10)

No prefácio do texto, *O narrador*, diz a autora: "A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte." (GAGNEBIN, 1996, p.10) Cogitei, então, ser a escola o local propício para o resgate da arte de contar, de "intercambiar experiências", da tradição e da memória comuns, local, como diz Gagnebin, da existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem. (GAGNEBIN, 1996, p.11).

Para atingir o objetivo geral da pesquisa - estabelecer um diálogo entre *Conto de escola* e as práticas escolares atuais - encontrei, no texto do espanhol Jorge Larrosa, *Sobre a lição*, os substratos necessários para ancorarmos a prática da leitura: "a experiência da leitura em comum como um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender". (LARROSA, 2000, p.139). O método escolhido foi o da leitura emplazada, compartilhada, proposta por Larrosa.

Em torno do texto como palavra *emplazada* - quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum, articula-se uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar *emplazados* pelo o que é comum. (LARROSA, 2000, p.143).

Assim, em torno do texto, *emplazadas* pelo que nos era comum, dez atividades de leitura foram propostas ao grupo de professoras com a finalidade de por essa experiência encontrarem múltiplos significados no texto. O espaço escolhido para a realização das atividades foi uma escola, localizada na periferia do município de Limeira (SP/Brasil) que trabalha com crianças desde o maternal à quarta série do ensino fundamental. Foram disponibilizados para os encontros trinta minutos semanais, uma parte do horário de trabalho pedagógico coletivo - HTPC. Organizei as atividades em um cronograma aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista (UNESP - Rio Claro (SP/Brasil) posteriormente lido e explicado às professoras das quais obtive aprovação para o mesmo. A leitura funcionava como um convite ao diálogo, pois cada participante lia trechos do *Conto de escola* e depois passávamos a uma conversa livre, quase sempre iniciada pelas próprias professoras, narrando ao grupo as suas impressões sobre o trecho lido. Estas falas foram transcritas pela pesquisadora em um Diário de Campo.

As professoras participantes da pesquisa perceberam este espaço de leitura como um momento de aperfeiçoamento, mas, sobretudo de desabafo, como a fala desta participante exemplifica - "um espaço para também denunciar os problemas presentes em nossa prática".

O objetivo, nas primeiras atividades desenvolvidas junto ao grupo de professoras, era o de perceber quais as concepções de escola trazidas por estas professoras, antes da leitura de *Conto de escola*. Assim, a primeira conversa foi norteadada por questões como: - Quais as expectativas que o título *Conto de escola* desperta em cada uma de vocês?

De maneira geral, as falas das professoras foram as seguintes: "O conto deve tratar da vivência escolar" , "Deve ser diferente de nosso século", "Deve abordar curiosidades de uma determinada escola".

Persistindo na tentativa de compreender a concepção de escola que as leitoras possuíam a partir de sua vivência, enquanto leitoras e educadoras, continuei a fomentar a conversa perguntando:- O que um conto, que se denomina de escola, deve falar da escola? Ainda acanhadas, descobrindo o espaço da comunidade de leitores no qual estavam agora inseridas, as suas falas foram: "O ambiente escolar,, "Alunos e professores", "O bairro, a comunidade, diversas comunidades", "O que existe dentro da escola", "Situações ocorridas na escola".

Após a primeira leitura de *Conto de escola*, feita por todas as integrantes do grupo, passamos ao diálogo, iniciado agora pelas leitoras e estas primeiras impressões podem ser resumidas nas falas seguintes: "Muito interessante", "Alunos como Pilar que faltam à escola ainda existem", "Existem os fofoqueiros", "Era outro tempo o que Machado fala. O comportamento do professor é que mudou", " Os tempos mudaram, mas os alunos, aluno é aluno em qualquer tempo", "É verdade a passagem em que Pilar diz que sabiam enganar o mestre é verdade. Às vezes eles falam em grupinhos e quando pergunto o que estão falando ou fazendo, tentam me distrair ou me enganar", "Achei muito engraçado esta passagem, enquanto líamos me lembrava destas situações", " Acho que Machado neste Conto de escola quis dizer que apesar do poder do professor na sala de aula, daquela época, eles não tinham tanto controle assim, eles sempre nos enganam", "Perdemos todo esse poder. Temos agora o desrespeito."

Desta forma, os encontros que se seguiram foram marcados pelas experiências de leitura de *Conto de escola*, possibilitadoras de diálogos entre a pesquisadora, as participantes e o texto e geradoras de uma comunidade de vida e de discurso que

buscou estabelecer um elo entre as práticas escolares do século XIX e as do século XXI.

Se para a leitura do conto com o grupo de professoras, optei pela leitura emplazada de Larrosa; para analisar as falas das professoras, compiladas nos encontros, me apoiei em um texto de Regina Zilberman (2008), intitulado *Um caso para o leitor pensar*, no qual a autora enfoca dois possíveis níveis resultantes do ato de ler.

No primeiro deles, o diálogo entre o leitor e o texto dá-se no nível mimético, quando o leitor percebe o texto como uma manifestação de uma dada realidade ou situação e desta forma o saber pré-existente à sua leitura pode ser incorporado de forma a ampliar ou mesmo desmistificar a sua concepção original. (ZILBERMAN, 2008, p.510).

No segundo, o diálogo dá-se no nível simbólico, quando o leitor desvela a linguagem do texto de forma a estabelecer uma concepção de que este aborda algo mais complexo. Trata-se de transcender à mera decodificação simbólica - ler as palavras, para nelas ler ideias. (ZILBERMAN, 2008, p.510)

Busquei apreender o efeito propiciado pela experiência de leitura do conto sobre as participantes, porque como diz Chartier: "É o leitor que dá significado ao texto... O texto se realiza através da exterioridade do leitor." (CHARTIER, 2005, p.143).

As falas classificadas por mim como ilustrativas da compreensão do conto no nível mimético foram as em que as professoras referiram-se às suas concepções acerca da escola atual e das suas práticas, visto que neste nível de leitura o leitor tende a transportar as experiências de leitura ou o conhecimento em relação ao tema lido para a sua vivência real. Assim, a compreensão do conto no nível mimético trouxe respostas de como as professoras entenderam a escola retratada por Machado, a concepção que têm da escola hoje ou se, em alguma das leituras, houve modificação do conceito que tinham sobre escola, anterior à leitura do conto.

Já as falas do nível simbólico trouxeram o olhar crítico das leitoras em relação ao texto escolhido. Esperava que este olhar de uma comunidade de leitoras / educadoras contribuísse na reconstrução dos fios literários de *Conto de escola*, ou seja, apontasse, na construção artesanal do texto, os fios literários utilizados por Machado de Assis para compor o conto.

Dentre as falas que se referiram à escola, no nível mimético, destaco duas: "Hoje em dia a vida é uma loucura. Na escola estamos super atarefados. Temos que produzir mais e mais e somos considerados culpados de tudo", "A palmatória não existe mais. A escola naquela época não era e ainda não é atraente".

Parecem transpor o nível mimético, chegando, ainda que timidamente, ao nível simbólico, as seguintes falas que também abordaram o tema da escola: "Eu acho que Machado de Assis quis dizer neste conto que a escola é uma instituição que não muda", " Acho que são interesses políticos, conservar a Educação assim", "A estrutura da escola de hoje conta com recursos muito parecidos com os da de Machado de Assis".

Quanto às falas que enfocaram os alunos como tema, todas elas pareceram não transpor o nível mimético. *São elas*: "Alunos como Pilar que faltam à escola ainda existem", " Existem os fofoqueiros", " Os tempos mudaram, mas os alunos! Aluno é aluno em qualquer tempo", " É verdade a passagem em que Pilar diz que sabiam enganar o mestre, é verdade. Às vezes eles falam em grupinhos e quando pergunto o que estão falando ou fazendo, tentam me distrair ou me

enganar", "Outro dia Alessandra, lembrei-me de você. Estava em uma atividade de escrita, quando peguei uma aluna passando um bilhete para uma colega. No bilhete ela propunha à amiga, que esta lhe ensinasse a lição, em troca lhe daria o seu lanche. Igual a situação que o conto narra. Neste sentido o conto é muito atual".

As falas, denominadas de histórias de vida, como o próprio título sugere, adentraram de forma ainda mais profunda nas experiências pré-concebidas das leitoras, que usaram de reminiscências particulares ou das narradas por outras pessoas, geralmente um familiar, para interpretar a narrativa machadiana. Para exemplificar, apresento as seguintes: "Antigamente havia mais diálogo, as pessoas conversavam mais e assim ensinavam aos filhos", "Enquanto líamos o Conto no último encontro, me lembrava de meu pai, ele contava que no tempo dele o professor era muito bravo. Certa vez ele deu seu lanche em troca de explicações, que pediu a um seu colega. A professora viu e o castigo foi com a palmatória. Muito parecido com Pilar do *Conto de escola*. Meu pai dizia ainda que ele tinha tanto medo, que sempre fugia das aulas", "A minha mãe contava que quando algum aluno errava a lição o professor punia com reguadas nas *mãos*".

Visando a ilustrar as relações estabelecidas entre texto e leitoras nos níveis mimético e simbólico, constatei em suas falas que a maioria não conseguiu transpor o nível mimético. Não conseguiram transpor o cenário da escola, ou seja, não elaboraram outras hipóteses sobre o enredo do texto. Se, por meio da experiência de leitura, podemos aguçar a curiosidade do leitor e, com esse estímulo, transformá-lo de mero decodificador de símbolos em decodificador de ideias, isso não aconteceu com as professoras e em minha avaliação essa atitude pode ser o resultado de um processo social, pois nos deparamos nos dias atuais não com a falta de leitura, mas com o não saber ler. Numa comunidade de leitores, formada por professoras do ensino fundamental, a leitura do texto literário apresenta tímidas reflexões, a maioria não percebendo as críticas a uma instituição que lida com o conhecimento, as relações humanas e onde elas exercem a profissão.

Apresento, como resultados da pesquisa, as permanências e alterações do cotidiano escolar das séries iniciais de nosso ensino fundamental, indicadas nas falas das professoras que formaram a comunidade leitora de *Conto de escola*.

A permanência da organização do espaço físico da sala de aula parece causar grande espanto, pois ao que tudo indica, com exceção da palmatória, ela se apresenta tal qual no século XIX. Permanecem os objetos, as carteiras, o quadro negro, o giz. Permanecem as pessoas que compõem esse cenário - as personagens do conto - os alunos e o professor.

Se em seu aspecto físico a instituição escola não apresentou alterações, também não as apresenta em suas funções de organização, da qual aponto como uma das mais representativas, a do alunado em filas, separados por gênero e estatura, tal como no século XIX. Há permanências em sua estrutura e em muitas de suas intenções. Contudo, papéis novos parecem delegados à instituição: no passado, os pais, em sua grande maioria analfabetos, enviavam seus filhos à escola para obterem a instrução que lhes fora negada; hoje, os pais, em sua maioria alfabetizados, transferem para a escola o papel de Educar seus filhos.

Delegando para a escola o papel antes concernente à família, os pais não mais percebem a escola como uma forma de ascensão social, como o pai de Pilar em *Conto de escola*. A escola pode, hoje, ser comparada a uma escada, cujos degraus - etapas necessárias para se obter uma formação - galgados não correspondem

mais a uma posição considerável no mercado de trabalho, mas apenas a uma possível vaga neste mundo tão competitivo.

A escola, neste sentido, ao contrário do jargão amplamente difundido - formar o cidadão crítico e consciente - deve preparar o aluno para o mercado de trabalho, tarefa que também não cumpre, pois com o certificado de conclusão do ensino médio o aluno não pode exercer nenhuma profissão.

No tocante aos castigos físicos - que tanto impressionam na cena da terrível palmatória, descrita por Machado em *Conto de escola* - eles, hoje, podem ser considerados extintos, o que não significa que a palmatória tenha sido abolida das práticas escolares. Ao contrário, ela parece permanecer em diversos castigos como o chapéu de burro, ficar de pé com o rosto para a parede, etc.

Também quanto às maneiras de ensinar parece que a escola não mudou muito. As estratégias de ensino, em alguns casos, permanecem semelhantes. Permanecem os problemas de aprendizagem, as delações, as fofocas, alunos que temem os pais, e os que sonham ultrapassar as paredes da escola como nosso Pilar. Ao contrário deste, nossos alunos encontram a liberdade não mais nos espaços abertos - morros, campos, praias. A liberdade ou a falsa liberdade é encontrada no consumo, marca de nossa sociedade atual.

Quanto às alterações, a mais marcante parece centrar-se na figura do mestre, cujo discurso não é mais temido e nem admirado. Para as professoras, esta é a principal diferença entre as escolas do século XIX e as do século XXI.

Algumas atitudes dos alunos parecem ressaltar a ideia de que a figura do mestre não tem hoje o prestígio de outrora, como ficar de pé, ou cantar para recepcionar o mestre no início das aulas. No entanto estas práticas comuns na escola do século XIX perduraram até bem pouco tempo, quando as professoras eram alunas.

As reflexões suscitadas pela experiência de leitura de *Conto de escola* ultrapassam o campo da ficção e encontram correspondências nas situações vividas hoje em nossas escolas. As permanências e as alterações apontadas pelas professoras revelam que a escola, instituição de tantos séculos, não difere muito daquela descrita por Machado de Assis, no século XIX, cujas práticas o apagador não levou.

Referências

ASSIS, Machado de. **Várias Histórias**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

_____. **Conto de escola**. Ilustrações Fernando Vilela. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BLOCH, March. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Cultura Escrita Literatura e História**. Porto Alegre: Artmd Editora, 2005.

GAGNEBIN, Jean Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**, São Paulo: Brasiliense, 1996.

GARCIA. S.C.G.; SILVA. A.M.S. **Violência nas primeiras letras**: a escola num conto de Machado de Assis. Interface - Comunicação, saúde, Educação, V.3, N.5.1999.

GLEDSON, John. Conto de escola uma lição de História. In. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

KLOSS, M.V. ; SANTOS, P. B.; UMBACH,R. **A Corrupção em Conto de escola.** Ano I - N. ° 04 - maio de 2002 - Quadrimestral - Maringá - PR - Brasil - ISSN1519.6978.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SUPLÍCIO. Conto de escola é referência para ministério francês. Disponível em: [HTTP://cosacnaify.com.br/noticias/contodeescola_franca.asp](http://cosacnaify.com.br/noticias/contodeescola_franca.asp). Acesso 15 Dez 2008.

ZILBERMAN. Regina. Um caso para o leitor pensar. In. **Capitu mandou flores:** Contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte / antologia organizada por Rinaldo Fernandes). São Paulo: Geração Editorial, 2008.

Na leitura de *Conto de Escola* do grande Machado de Assis, vislumbrei uma sala de aula de Educação primária do oitocentos brasileiro, desconcertando-me, pois na leitura do conto do século XIX, fazendo-se ressalvas, vi uma escola do agora. Esta contestação inquietou-me. Surgiu a pergunta que me levaria à minha pesquisa para Dissertação de mestrado – **a instituição escola permanece ligada aos moldes de um passado?**

Em busca de resposta a esta indagação nascida da leitura de *Conto de escola*, novas leituras surgiram no início de caminhada. Dentre estas, dois textos do autor Walter Benjamin - *Experiência e pobreza* e *O narrador*, tiveram influência significativa. Na análise do texto juntaram-se a mim outros professores. A metodologia proposta para a pesquisa era a da leitura do conto pela pesquisadora e pelos professores de uma escola estadual do município de Limeira, em horário de HTPC, com o objetivo de desvelar na trama dos fios literários da narrativa, as inquietações de uma época e as aspirações de uma sociedade – a brasileira do século XIX - entretecidas pelo discurso do saber.

O conto, ambientado em 1840, e publicado na coletânea **Várias Histórias**, em 1896, narra o cotidiano de uma sala de aula de primeiras letras do século XIX brasileiro, onde Pilar, narrador/personagem, vive o dilema de decidir-se pelas paredes fechadas da enfadonha escola ou pela liberdade dos morros e pelos divertimentos próprios da sua idade. Falando de escola, pois este é o título do conto, Machado, hábil dissimulador, enfoca as relações humanas que nos ensinam mais do que os conteúdos transmitidos pelo mestre Policarpo.

É o próprio autor que, ao final do conto fala sobre a corrupção e a delação, aprendidas ambas na sala de aula:

E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor... (MACHADO, 2004, p.104)

Não é dos contos mais conhecidos do escritor, nem dos mais divulgados. As dez professoras escolhidas como sujeitos da pesquisa eram todas licenciadas em Pedagogia, com diferentes tempos de dedicação ao magistério e nenhuma delas conhecia o conto. Muitos dos mestrandos do programa de pós também não o conheciam.

Mas entre as comemorações pelo centenário de morte do escritor Machado de Assis, vamos encontrar algumas referentes a Conto de Escola. Na Lei Nº1.522, assinada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e pelo então ministro da Cultura, Gilberto Gil, ficou instituído o ano de 2008 como *Ano Nacional Machado de Assis* e uma série de eventos culturais analisaram e homenagearam a grandiosidade da obra machadiana. *Conto de escola* destacou-se entre as obras reeditadas de Machado de Assis. Dentre algumas publicações merecem destaque *Conto de escola* da Editora Cosac Naify (2002), que publicou a versão francesa de *Conto de escola* (coleção Dedinho de Prosa). *Conto de escola* ou *Le Conte de l'école*:

Foi selecionada para configurar na lista de referência do Ministère de l'Éducation Nationale [Ministério da Educação Nacional] da França. A obra, vertida como *Le Conte de l'école*, é indicada para o ciclo 3 - que na França corresponde aos alunos de oito a dez anos, - na categoria "romances e textos ilustrados". (SUPLÍCIO, 2008, p.1)

O livro merece destaque ainda pelas ilustrações feitas por Nelson Cruz, ilustrador e artista plástico. *Conto de escola*, publicado pela Editora Cosac Naify foi exposto em Bolonha (Itália) pela Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil. Em 2008, o livro foi exposto na Mostra Internazionale d'Illustratore per L'Infanzia, Sarmede, Provincia de Treviso, Itália, e inscrito na Bienal de Ilustração de Bratislava, Eslováquia. Por fim, *Conto de escola* foi incluído no catálogo "*The White Ravens*", da *Internationale JugendBibliothek* (Munique, Alemanha).

O conto também não recebeu muitos olhares dos estudiosos machadianos, Destacamos um artigo de John Gledson intitulado *Conto de escola: uma lição de História*, no qual o autor considera como enredo de *Conto de escola* a iniciação da criança no mundo adulto. E, ao fazê-lo, nos revela dados históricos do passado brasileiro. A personagem protagonista, o menino Pilar, seria uma analogia com o

imperador- menino, D. Pedro II, cuja infância foi surrupiada por suas obrigações de futuro monarca. Desta forma, os dados informados por Machado de Assis ajustam-se ao período da antecipação da maioridade de D.Pedro, ou seja, à Regência brasileira, datada de 1840. Diz Gledson:

É uma história, então, sobre a iniciação de uma criança no sórdido mundo adulto, em que serviços “ilegais” podem ser comprados – como Raimundo compra o conhecimento do narrador Pilar, para ser aprovado em uma matéria que ele não tinha conseguido aprender – e em que Curvelo os delata ao mestre-escola Policarpo, que é também pai de Raimundo. (GLEDSON, 2006, p.91)

Outros autores, como Milene Kloss, Pedro Brum e Rosani Umbuch (2002), apontam como tema central do conto a corrupção e a delação. Comportamentos condenados, porém presentes no convívio humano, sobretudo em uma sociedade capitalista que valoriza extremamente o dinheiro, representado no conto por aquela bonita moeda pela qual Pilar ficou seduzido.

A corrupção, presente nesse conto de Machado, é representada pelo ato de Raimundo em pagar seu amigo, Pilar, para que este lhe ensinasse, às escondidas, o conteúdo desejado, na implícita condição de que ambos assumissem, frente ao mestre e aos colegas, a melhora das notas do primeiro como sendo único e exclusivo mérito seu. O ciclo da corrupção se completa com o aceite da proposta por Pilar. (KLOSS, 2002, P. 2-3)

Para outros autores, como Sílvia Craveiro Gusmão Garcia e Antonio Manoel dos Santos Silva (1999), a maior preocupação de Machado de Assis em *Conto de escola* é a formação do caráter, a normatização da criança para a sociedade.

No Conto de Escola o assunto reduz-se a um episódio ocorrido em sala de aula, sendo que a própria progressão da narrativa incide mais sobre a psicologia das personagens que sobre a ação, pois o conto evolui no sentido de representar os tortuosos caminhos da formação moral. (GARCIA, S.C.G.; SILVA. A M.S, 1999, p.47)

Embora o conto verse sobre a escola, não encontrei nas pesquisas feitas por mim no tocante à documentação e à bibliografia concernente ao tema, nenhuma dissertação ou tese na área da Educação que abordasse o conto sob esse enfoque.

Fez-se necessário a busca de um referencial teórico que me amparasse nestes intentos. Para a análise de uma obra literária enquanto documento, busquei amparo nos estudos da escola dos Annales e a Moderna Historiografia proposta por Marc Bloch em **Apologia da História e o Ofício do Historiador** (BLOCH, 2001). De acordo com os Annales, o historiador poderia utilizar em suas pesquisas, além de documentos oficiais, outras fontes, tais como: pinturas, objetos de arte, poemas, textos de ficção. Esta tendência alargou-se para outros campos do conhecimento, como a Educação. Entre os seguidores dos primeiros Annales (dos anos de 1930), priorizamos Roger Chartier (1998), por suas contribuições - análises de textos e leituras - que visam a “compreender o mundo como representação.”

Tendo como objetivo geral estabelecer um diálogo entre o *Conto de escola* e as práticas escolares do Brasil atual, orientei-me pela filosofia de Walter Benjamin. Em suas teses *Experiência e pobreza* (1996) e *O narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1996), nas quais o autor discorre sobre o conceito de História e, sobretudo, sobre o de Narração, busquei fundamentação teórica para a importância da retomada de Conto de escola no século XXI.

Com a literatura machadiana, considerada aqui uma narrativa nos moldes benjaminianos, pois relata uma experiência, um ensinamento, uni a narrativa escrita do conto à narrativa oral – a experiência de um grupo de professoras de Ensino Fundamental que leram o conto e narraram a sua experiência de leitura, de Educação.

Para os conceitos de artesanato da leitura e comunidade de leitores, presentes na pesquisa em seus objetivos específicos, amparei-me nas palavras

de Jean Marie Gagnebin, professora titular de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e livre-docente de teoria literária na Universidade de Campinas.

A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo destruiu. A distância entre os grupos humanos, particularmente entre gerações, transformou-se hoje em abismo porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. Enquanto no passado o ancião que se aproxima da morte era o depositário privilegiado de uma experiência que transmitia aos mais jovens, hoje ele não passa de um velho cujo discurso é inútil. (GAGNEBIN, 1996, p.10)

No prefácio do texto, *O narrador*, diz a autora: “A experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte.” (GAGNEBIN, 1996, p.10) Cogitei, então, ser a escola o local propício para o resgate da arte de contar, de “intercambiar experiências”, da tradição e da memória comuns, local, como diz Gagnebin, da existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e a um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem. (GAGNEBIN, 1996, p.11).

Para atingir o objetivo geral da pesquisa – estabelecer um diálogo entre *Conto de escola* e as práticas escolares atuais – encontrei, no texto do espanhol Jorge Larrosa, *Sobre a lição*, os substratos necessários para ancorarmos a prática da leitura: “a experiência da leitura em comum como um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender”. (LARROSA, 2000, p.139). O método escolhido foi o da leitura emplazada, compartilhada, proposta por Larrosa.

Em torno do texto como palavra *emplazada* – quando o texto é realmente algo que se pode chamar de comum, articula-se uma forma particular de comunidade, uma forma particular de estar *emplazados* pelo o que é comum. (LARROSA, 2000, p.143).

Assim, em torno do texto, *emplazadas* pelo que nos era comum, dez atividades de leitura foram propostas ao grupo de professoras com a finalidade de por essa experiência encontrarem múltiplos significados no texto. O espaço escolhido para a realização das atividades foi uma escola, localizada na periferia do município de Limeira (SP/Brasil) que trabalha com crianças desde o maternal à quarta série do ensino fundamental. Foram disponibilizados para os encontros trinta minutos semanais, uma parte do horário de trabalho pedagógico coletivo – HTPC. Organizei as atividades em um cronograma aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Rio Claro (SP/Brasil) posteriormente lido e explicado às professoras das quais obtive aprovação para o mesmo. A leitura funcionava como um convite ao diálogo, pois cada participante lia trechos do *Conto de escola* e depois passávamos a uma conversa livre, quase sempre iniciada pelas próprias professoras, narrando ao grupo as suas impressões sobre o trecho lido. Estas falas foram transcritas pela pesquisadora em um Diário de Campo.

As professoras participantes da pesquisa perceberam este espaço de leitura como um momento de aperfeiçoamento, mas, sobretudo de desabafo, como a fala desta participante exemplifica - “um espaço para também denunciar os problemas presentes em nossa prática”.

O objetivo, nas primeiras atividades desenvolvidas junto ao grupo de professoras, era o de perceber quais as concepções de escola trazidas por estas professoras, antes da leitura de *Conto de escola*. Assim, a primeira conversa foi norteada por questões como: - Quais as expectativas que o título *Conto de escola* desperta em cada uma de vocês?

De maneira geral, as falas das professoras foram as seguintes: “O conto deve tratar da vivência escolar” , “Deve ser diferente de nosso século”, “Deve abordar curiosidades de uma determinada escola”.

Persistindo na tentativa de compreender a concepção de escola que as leitoras possuíam a partir de sua vivência, enquanto leitoras e educadoras, continuei a fomentar a conversa perguntando:- O que um conto, que se denomina de escola, deve falar da escola? Ainda acanhadas, descobrindo o espaço da

comunidade de leitores no qual estavam agora inseridas, as suas falas foram: “O ambiente escolar,, “Alunos e professores”, “O bairro, a comunidade, diversas comunidades”, “O que existe dentro da escola”, “Situações ocorridas na escola”.

Após a primeira leitura de *Conto de escola*, feita por todas as integrantes do grupo, passamos ao diálogo, iniciado agora pelas leitoras e estas primeiras impressões podem ser resumidas nas falas seguintes: “Muito interessante”, “Alunos como Pilar que faltam à escola ainda existem”, “Existem os fofoqueiros”, “Era outro tempo o que Machado fala. O comportamento do professor é que mudou”, “Os tempos mudaram, mas os alunos, aluno é aluno em qualquer tempo”, “É verdade a passagem em que Pilar diz que sabiam enganar o mestre é verdade. Às vezes eles falam em grupinhos e quando pergunto o que estão falando ou fazendo, tentam me distrair ou me enganar”, “Achei muito engraçado esta passagem, enquanto líamos me lembrava destas situações”, “Acho que Machado neste Conto de escola quis dizer que apesar do poder do professor na sala de aula, daquela época, eles não tinham tanto controle assim, eles sempre nos enganam”, “Perdemos todo esse poder. Temos agora o desrespeito.”

Desta forma, os encontros que se seguiram foram marcados pelas experiências de leitura de *Conto de escola*, possibilitadoras de diálogos entre a pesquisadora, as participantes e o texto e geradoras de uma comunidade de vida e de discurso que buscou estabelecer um elo entre as práticas escolares do século XIX e as do século XXI.

Se para a leitura do conto com o grupo de professoras, optei pela leitura emplazada de Larrosa; para analisar as falas das professoras, compiladas nos encontros, me apoiei em um texto de Regina Zilberman (2008), intitulado *Um caso para o leitor pensar*, no qual a autora enfoca dois possíveis níveis resultantes do ato de ler.

No primeiro deles, o diálogo entre o leitor e o texto dá-se no nível mimético, quando o leitor percebe o texto como uma manifestação de uma dada realidade ou situação e desta forma o saber pré-existente à sua leitura pode ser incorporado de forma a ampliar ou mesmo desmistificar a sua concepção original. (ZILBERMAN, 2008, p.510).

No segundo, o diálogo dá-se no nível simbólico, quando o leitor desvela a linguagem do texto de forma a estabelecer uma concepção de que este aborda algo mais complexo. Trata-se de transcender à mera decodificação simbólica – ler as palavras, para nelas ler ideias. (ZILBERMAN, 2008, p.510)

Busquei apreender o efeito propiciado pela experiência de leitura do conto sobre as participantes, porque como diz Chartier: “É o leitor que dá significado ao texto... O texto se realiza através da exterioridade do leitor.” (CHARTIER, 2005, p.143).

As falas classificadas por mim como ilustrativas da compreensão do conto no nível mimético foram as em que as professoras referiram-se às suas concepções acerca da escola atual e das suas práticas, visto que neste nível de leitura o leitor tende a transportar as experiências de leitura ou o conhecimento em relação ao tema lido para a sua vivência real. Assim, a compreensão do conto no nível mimético trouxe respostas de como as professoras entenderam a escola retratada por Machado, a concepção que têm da escola hoje ou se, em alguma das leituras, houve modificação do conceito que tinham sobre escola, anterior à leitura do conto.

Já as falas do nível simbólico trouxeram o olhar crítico das leitoras em relação ao texto escolhido. Esperava que este olhar de uma comunidade de leitoras / educadoras contribuísse na reconstrução dos fios literários de *Conto de escola*, ou seja, apontasse, na construção artesanal do texto, os fios literários utilizados por Machado de Assis para compor o conto.

Dentre as falas que se referiram à escola, no nível mimético, destaco duas: “Hoje em dia a vida é uma loucura. Na escola estamos super atarefados. Temos que produzir mais e mais e somos considerados culpados de tudo”, “A palmatória não existe mais. A escola naquela época não era e ainda não é atraente”.

Parecem transpor o nível mimético, chegando, ainda que timidamente, ao nível simbólico, as seguintes falas que também abordaram o tema da escola: “Eu acho que Machado de Assis quis dizer neste conto que a escola é uma instituição que não muda”, “Acho que são interesses políticos, conservar a Educação assim”,

“A estrutura da escola de hoje conta com recursos muito parecidos com os da de Machado de Assis”.

Quanto às falas que enfocaram os alunos como tema, todas elas pareceram não transpor o nível mimético. São elas: “Alunos como Pilar que faltam à escola ainda existem”, “Existem os fofoqueiros”, “Os tempos mudaram, mas os alunos! Aluno é aluno em qualquer tempo”, “É verdade a passagem em que Pilar diz que sabiam enganar o mestre, é verdade. Às vezes eles falam em grupinhos e quando pergunto o que estão falando ou fazendo, tentam me distrair ou me enganar”, “Outro dia Alessandra, lembrei-me de você. Estava em uma atividade de escrita, quando peguei uma aluna passando um bilhetinho para uma coleguinha. No bilhete ela propunha à amiga, que esta lhe ensinasse a lição, em troca lhe daria o seu lanche. Igual a situação que o conto narra. Neste sentido o conto é muito atual”.

As falas, denominadas de histórias de vida, como o próprio título sugere, adentraram de forma ainda mais profunda nas experiências pré-concebidas das leitoras, que usaram de reminiscências particulares ou das narradas por outras pessoas, geralmente um familiar, para interpretar a narrativa machadiana. Para exemplificar, apresento as seguintes: “Antigamente havia mais diálogo, as pessoas conversavam mais e assim ensinavam aos filhos”, “Enquanto líamos o Conto no último encontro, me lembrava de meu pai, ele contava que no tempo dele o professor era muito bravo. Certa vez ele deu seu lanche em troca de explicações, que pediu a um seu colega. A professora viu e o castigo foi com a palmatória. Muito parecido com Pilar do *Conto de escola*. Meu pai dizia ainda que ele tinha tanto medo, que sempre fugia das aulas”, “A minha mãe contava que quando algum aluno errava a lição o professor punia com reguadas nas *mãos*”.

Visando a ilustrar as relações estabelecidas entre texto e leitoras nos níveis mimético e simbólico, constatei em suas falas que a maioria não conseguiu transpor o nível mimético. Não conseguiram transpor o cenário da escola, ou seja, não elaboraram outras hipóteses sobre o enredo do texto. Se, por meio da experiência de leitura, podemos aguçar a curiosidade do leitor e, com esse estímulo, transformá-lo de mero decodificador de símbolos em decodificador de

ideias, isso não aconteceu com as professoras e em minha avaliação essa atitude pode ser o resultado de um processo social, pois nos deparamos nos dias atuais não com a falta de leitura, mas com o não saber ler. Numa comunidade de leitores, formada por professoras do ensino fundamental, a leitura do texto literário apresenta tímidas reflexões, a maioria não percebendo as críticas a uma instituição que lida com o conhecimento, as relações humanas e onde elas exercem a profissão.

Apresento, como resultados da pesquisa, as permanências e alterações do cotidiano escolar das séries iniciais de nosso ensino fundamental, indicadas nas falas das professoras que formaram a comunidade leitora de *Conto de escola*.

A permanência da organização do espaço físico da sala de aula parece causar grande espanto, pois ao que tudo indica, com exceção da palmatória, ela se apresenta tal qual no século XIX. Permanecem os objetos, as carteiras, o quadro negro, o giz. Permanecem as pessoas que compõem esse cenário - as personagens do conto - os alunos e o professor.

Se em seu aspecto físico a instituição escola não apresentou alterações, também não as apresenta em suas funções de organização, da qual aponto como uma das mais representativas, a do alunado em filas, separados por gênero e estatura, tal como no século XIX. Há permanências em sua estrutura e em muitas de suas intenções. Contudo, papéis novos parecem delegados à instituição: no passado, os pais, em sua grande maioria analfabetos, enviavam seus filhos à escola para obterem a instrução que lhes fora negada; hoje, os pais, em sua maioria alfabetizados, transferem para a escola o papel de Educar seus filhos.

Delegando para a escola o papel antes concernente à família, os pais não mais percebem a escola como uma forma de ascensão social, como o pai de Pilar em *Conto de escola*. A escola pode, hoje, ser comparada a uma escada, cujos degraus - etapas necessárias para se obter uma formação – galgados não correspondem mais a uma posição considerável no mercado de trabalho, mas apenas a uma possível vaga neste mundo tão competitivo.

A escola, neste sentido, ao contrário do jargão amplamente difundido – formar o cidadão crítico e consciente - deve preparar o aluno para o mercado de

trabalho, tarefa que também não cumpre, pois com o certificado de conclusão do ensino médio o aluno não pode exercer nenhuma profissão.

No tocante aos castigos físicos - que tanto impressionam na cena da terrível palmatória, descrita por Machado em *Conto de escola* - eles, hoje, podem ser considerados extintos, o que não significa que a palmatória tenha sido abolida das práticas escolares. Ao contrário, ela parece permanecer em diversos castigos como o chapéu de burro, ficar de pé com o rosto para a parede, etc.

Também quanto às maneiras de ensinar parece que a escola não mudou muito. As estratégias de ensino, em alguns casos, permanecem semelhantes. Permanecem os problemas de aprendizagem, as delações, as fofocas, alunos que temem os pais, e os que sonham ultrapassar as paredes da escola como nosso Pilar. Ao contrário deste, nossos alunos encontram a liberdade não mais nos espaços abertos – morros, campos, praias. A liberdade ou a falsa liberdade é encontrada no consumo, marca de nossa sociedade atual.

Quanto às alterações, a mais marcante parece centrar-se na figura do mestre, cujo discurso não é mais temido e nem admirado. Para as professoras, esta é a principal diferença entre as escolas do século XIX e as do século XXI.

Algumas atitudes dos alunos parecem ressaltar a ideia de que a figura do mestre não tem hoje o prestígio de outrora, como ficar de pé, ou cantar para recepcionar o mestre no início das aulas. No entanto estas práticas comuns na escola do século XIX perduraram até bem pouco tempo, quando as professoras eram alunas.

As reflexões suscitadas pela experiência de leitura de *Conto de escola* ultrapassam o campo da ficção e encontram correspondências nas situações vividas hoje em nossas escolas. As permanências e as alterações apontadas pelas professoras revelam que a escola, instituição de tantos séculos, não difere muito daquela descrita por Machado de Assis, no século XIX, cujas práticas o apagador não levou.

Referências

ASSIS, Machado de. **Várias Histórias**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

_____. **Conto de escola**. Ilustrações Fernando Vilela. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**, São Paulo: Brasiliense, 1996.

BLOCH, March. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Cultura Escrita Literatura e História**. Porto Alegre: Artmd Editora, 2005.

GAGNEBIN, Jean Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**, São Paulo: Brasiliense, 1996.

GARCIA. S.C.G.; SILVA. A.M.S. **Violência nas primeiras letras**: a escola num conto de Machado de Assis. Interface – Comunicação, saúde, Educação, V.3, N.5.1999.

GLEDSON, John. Conto de escola uma lição de História. In. **Por um novo Machado de Assis**. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

KLOSS, M.V. ; SANTOS, P. B.; UMBACH,R. **A Corrupção em Conto de escola**. Ano I – N. ° 04 – maio de 2002 – Quadrimestral – Maringá – PR – Brasil – ISSN1519. 6978.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SUPLÍCIO. **Conto de escola é referência para ministério francês.** Disponível em: [HTTP://cosacnaify.com.br/noticias/contodeescola_franca.asp](http://cosacnaify.com.br/noticias/contodeescola_franca.asp). Acesso 15 Dez 2008.

ZILBERMAN. Regina. Um caso para o leitor pensar. In. **Capitu mandou flores:** Contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte / antologia organizada por Rinaldo Fernandes). São Paulo: Geração Editorial, 2008.